



| | |
|----------------|--|
| Evento | Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS |
| Ano | 2014 |
| Local | Porto Alegre - RS |
| Título | Perspectiva narrativa do ensino |
| Autores | MATHEUS PENAFIEL GISELE DALVA SECCO |

Resumo: O presente relato pretende apresentar sucintamente a metodologia utilizada em uma curta sequência didática executada no âmbito do subprojeto PIBID Filosofia. Por sugestão do professor supervisor foram trabalhados tópicos de Lógica, com ênfase na argumentação. O caminho que escolhi foi começar pela abordagem da noção de argumentação (suas peculiaridades e noções correlatas) para então passar para um trabalho de lógica propriamente dita. Devo, pois, esclarecer algumas noções que nortearam esta escolha didática.

Uma das noções em que me apoiei é a de *narratividade escolar*. Ela, porém, tem um duplo sentido e deve-se explicitá-los na medida em que ambos nortearam os rumos das aulas ministradas. A primeira noção de narratividade é cunhada por ROCHA [1]. Nesta primeira forma, reconhece-se a narratividade como uma continuidade tanto da vida dos estudantes no ambiente escolar como da vida escolar nos diversos ambientes em que os adolescentes se inserem. Em outras palavras, aquilo que se aprende em aula converge com a vida dos estudantes.

O segundo sentido da noção de narratividade já foi trabalhado por outros autores, e nos termos de PERRENOUD [2] chama-se “visão longitudinal” dos objetivos de ensino. Isso quer dizer que se busca um “fio condutor” para sequências didáticas, capaz de engendrar uma continuidade entre as situações de aprendizagem.

Assim, a metodologia escolhida levou em consideração ambas as noções de narratividade. A primeira na medida em que os temas filosóficos trabalhados (a saber, a distinção entre causa, motivo e razão) tinham relação com discurso da vida cotidiana – como os exemplos da publicidade que trabalhamos em aula. Além disso, foi trabalhado também com tirinhas de Calvin & Haroldo e do recente personagem Armandinho, que servem como uma representação quase imediata da aplicação dos conteúdos em situações que poderiam ou podem acontecer com os alunos.

A segunda noção foi norteadora porque o planejamento das aulas tinha como intuito que elas fizessem sentido “internamente”, mantivessem uma continuidade. Tendo-se primeiramente apresentado a distinção entre causas, motivos e razões através dos discursos publicitários, passou-se para a criação de campanhas publicitárias criadas pelos alunos, de onde se apresentou algumas estratégias de persuasão presentes nas diferentes formas de discurso, inclusive no que se pretende “racional”. Assim, os alunos puderam perceber três formas distintas de discursos que pretendem conquistar o ouvinte: um completamente persuasivo, cuja estratégia consiste em apelar para emoções; um puramente racional, realizados pelos métodos rigorosos de organização de pensamento; e um que mescla as características de ambos os discursos.

Construído este quadro, o passo seguinte é o de focar no discurso que se pretende puramente racional, analisando a construção de argumentos que ainda não usem dos artifícios da persuasão. Para isso, noções como as de *forma lógica* e *silogismo* serão acionadas, para o que se faz necessário desenvolver uma compreensão do funcionamento dos assim chamados conectivos lógicos.

A avaliação final que se pretende é a construção de um jornal pelos alunos, uma espécie de observatório de argumentos, cujo intuito é o de ensinar a identificar e analisar os argumentos presentes em nossos discursos cotidianos.

[1] ROCHA, Ronai Pires da. “Primavera da filosofia no currículo escolar?” Disponível em: https://www.academia.edu/5897521/Primavera_da_filosofia_no_curriculo_do_Ensino_Medio.

[2] PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.